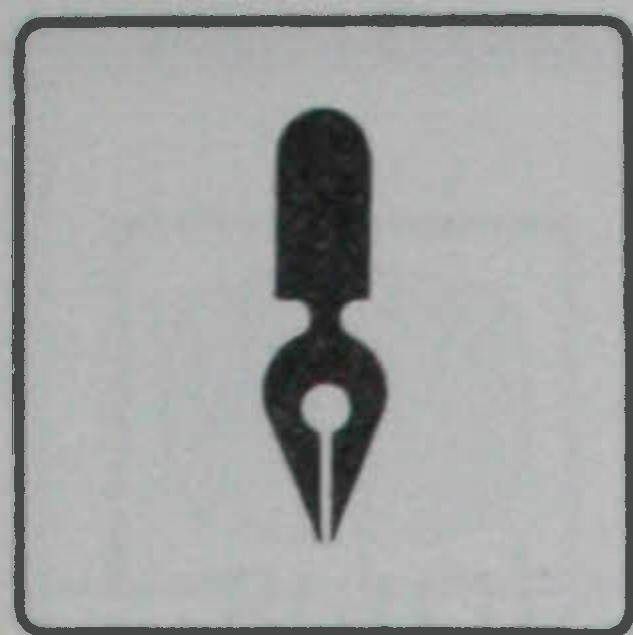




ERASMUS: A cultura europeia

A integração europeia é um processo longo, desenhado por etapas, que se deseja harmonioso. Começou por se constituir uma «comunidade económica», progressivamente ampliada. Mas agora quer-se alargar os objectivos a uma autêntica «comunidade europeia». Um passo decisivo neste percurso é a abolição de fronteiras nacionais à circulação de pessoas, principalmente sob o ponto de vista da sua formação cultural básica. A aspiração da Universidade Europeia fica então a um palmo da concretização.

Somente em 1976 a Comunidade Europeia (CE) encetou o primeiro programa de acção no âmbito do ensino, tendo-se desenvolvido algum trabalho de cooperação nos dez anos seguintes. Mas as coisas prometem mudar radicalmente no próximo ano, desde que em Maio último o Parlamento Europeu foi sacudido pela proposta de lançamento do programa ERASMUS — European Community Action Scheme for the Mobility of University Students.

A escolha do nome carismático não foi accidental. O humanista holandês Desiderius Erasmus (1469-1536) encorpa a melhor expressão da mobilidade de estudantes e professores, numa Universidade Europeia sem fronteiras. De facto, este grande vulto seiscentista estudou em Paris, viajou pela Alemanha, Inglaterra e Suíça, tendo veiculado da Itália o pensamento renascentista para os principais centros culturais europeus. Erasmo viveu numa Europa politicamente dividida, mas culturalmente unida.

Embora pareça incrível, a mobilidade dos estudantes hoje parece

bem menor que há 500 anos. Dos seis milhões de estudantes actualmente existentes nas 3600 universidades dos doze países da CE não atinge 1% aqueles que frequentam faculdades estrangeiras, mesmo por períodos curtos. Mas o programa ERASMUS vai mudar a situação: até 1992, ano em que se prevê a realização plena do «mercado interno» da Comunidade Europeia, deverá verificar-se uma mobilidade de estudantes da ordem de 10%. Para isso também os chefes dos diferentes estados membros inalteraram no Conselho Europeu a importância da prática do estudo no estrangeiro dentro do espaço comunitário.

Para os anos de 1987 a 1989 a Comissão da CE colocará à disposição uma verba de 175 milhões de ECUs, equivalendo a cerca de 25 milhões de contos, para bolsas de estudos e apoio à cooperação interuniversitária. O programa de **bolsas para estudantes** absorverá 60%, atingindo 40 000 estudantes com bolsas parciais ou totais. Além disso, o programa de **intercâmbio de estudantes** deve contemplar anualmente 500 universidades, sob a perspectiva de integração, por meio de acordos entre instituições que promovam a desejada mobilidade, como seja o reconhecimento de diplomas, propinas e *numerus clausus*. Um aspecto fundamental é a clarificação do «reconhecimento de diplomas», pela criação de centros nacionais de informação para o efeito, ensaio de um sistema inspirado na experiência americana de «Credit Transfer», organização curricular comum e eficácia das regras utilizadas nas avaliações em

diferentes universidades. Também o **intercâmbio de docentes** contemplará 500 professores por ano, através de curtas estadias em escolas de países estrangeiros, prosseguindo muitas vezes os contactos encetados nos estudos efectuados fora da pátria. Além disso, irão ser instituídos prémios ERASMUS para estudantes e universidades, com a intenção de estimular a prossecução dos objectivos traçados. O resultado final destas medidas deverá traduzir-se efectivamente pelo estreitamento de laços de cooperação na rede de universidades dos países da Comunidade Europeia.

É claro que neste processo as Ciências da Engenharia desempenham um papel fundamental. A experiência dos últimos dez anos aponta para um entrosamento do ensino das tecnologias de 15%, a par de 17% nas ciências sociais e políticas e 11% quanto a literatura e línguas. Será no entanto de prever uma intensificação da componente tecnológica, porquanto o princípio essencial do programa ERASMUS consiste em otimizar os recursos humanos da Comunidade Europeia com vista a conseguir efectuar a indispensável mutação tecnológica, que leve a Europa a poder enfrentar eficazmente a crescente agressividade da competição mundial.

Com tão excitantes perspectivas bem apetece ser jovem e sonhar com o impossível: recuar no tempo e recomeçar a formação profissional numa Europa integrada.